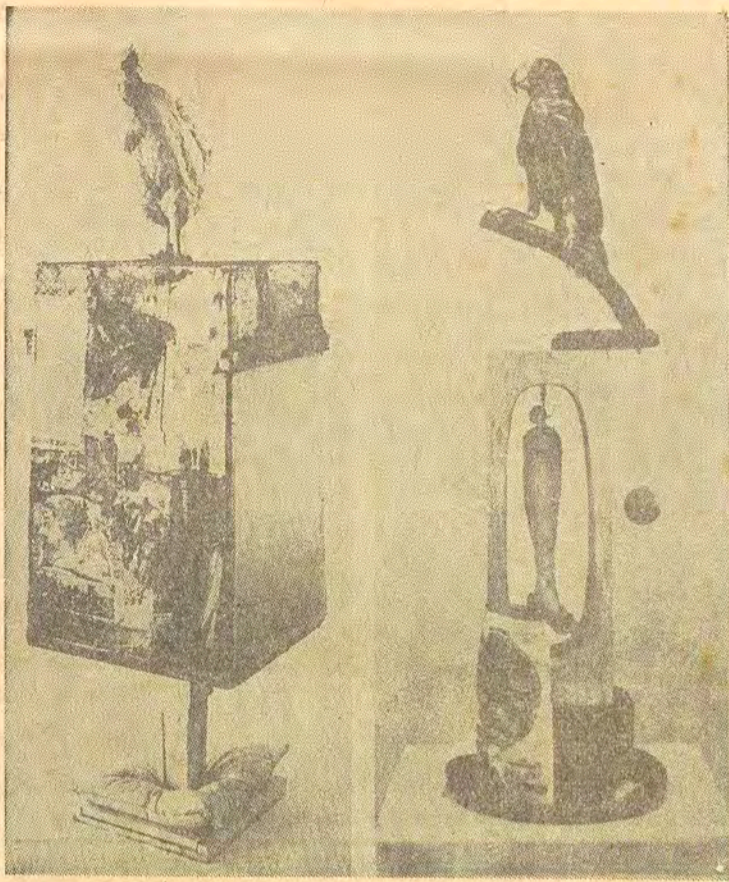


8/11/64



Nova arte velha

A esquerda, "Odalisque" (1959), escultura do "pop-artist" Rauschenberg, considerado por certos setores da crítica como um dos mais avançados re-

presentantes da vanguarda atual. A direita, de inspiração semelhante, "Objet poétique", de Juan Miró, é datado de vinte e cinco anos antes.

Artes plásticas

Uma crítica apressada sobre o "pop art"

Conta, evidentemente, mais materia para confusão do que outra coisa, a entrevista que concedeu a esta folha, anteontem, o crítico francês sr. Pierre Restany. Não para nós, mas para o meio; muitas insinuações do entrevistado ficam pairando na ambigüidade nebulosa das palavras de uma dubia semantica. Conhecemos bem, entretanto, o sr. Restany, com seu bigode estaliniano e sua consciencia do que na Argentina chamaram a "hiper-acceleração da historia del arte moderna", pois estamos bem lembrados de seu prefacio em "Lyrisimo et abstraction", 1960, cuja capa de Fautrier (informal que á força da politica de Malraux tirou naquele ano o premio de Pintura internacional em Veneza), informalismo que no "avis au lecteur" o autor punha abaixo em troca da "perspective d'hyperaccélération de l'histoire", que o punha diante dos néo-dadaístas... Assim, há quatro anos já Restany é partidario das "montagens heteróclitas, da aventura dos objetos ou da laceração de cartazes". E ainda dizia, mesmo sob a capa de Fautrier, que "a pintura de cavalete, e com ela todos os meios tradicionais, viviam os últimos instantes de

um longo monopólio". Seis linhas abaixo deixava uma portinhola aberta: a anti-pintura "hoje mais do que nunca tem necessidade de se destruir para se reinventar, alhures".

Assim, quando o entrevistado de sexta-feira diz que há necessidade de uma "volta á fonte realista", e explica que esse realismo é baseado na "natureza urbana", nós devemos entender aí o "Pop Art" (arte popular) como vimos na representação norte-americana da nossa VII Bienal, e como acabou triunfando este ano em Veneza, com Rauschenberg e no Premio Di Tella (Premio Nacional Argentino), com Marta Minujin. Uma análise do "Pop Art", que voltaremos a fazer, noutra ocasião, mostrará as debilidades desse vanguardismo a qualquer preço.

Mas por hoje queremos citar apenas a critica recentissima da XXXII Bienal de Veneza, por Jean-François Revel, que entra pelos olhos — a comparação entre um produto "Pop", de Rauschenberg "Odalisque" e o "Objet poétique" de Miró, um datado de 1959, outro de 1936. ("l'Oeil", julho-agosto 1964). E queremos citar também Revel, quando apronta uma carapuça para os criticos do tipo do sr. Restany: "Il convient néanmoins, ce faisant, d'éviter la "révolutionnisme" dont souffre la critique contemporaine, plus par crainte de se tromper que par conviction". Vai em francês para ficar na côr local da patria do sr. Restany. Revel se refere ao terror milenario da "crise" em que vive a arte atual, terror que á força de ser cotidiano apenas faz sorrir. Ele, o terror, engendra então as manias dos balanços, a "história acelerada do minuto decorrido", o pedantismo da fase (e nota: "hoje um artista de trinta anos está facilmente á cabeça de uma dúzia de "fases" — e notamos nós: a "Pop", premiada em Buenos Aires não passa de uma menina de 23 anos, que se fez fotografar sob a carapuça duma armadura, e que apresentou como criação artistica um rolo feito de papel ordinario de colchão, modelado em duas figuras penduradas e num docel. A essa brincadeira, atribuiu-se o Premio Di Tella, e o sr. Restany um dos três membros do júri, deve ter-se considerado feliz em ter diante de si um produto da "natureza urbana".

Mas na entrevista anterior, concedida ao "Correio da Manhã", o sr. Restany havia sido mais preciso; dera um outro qualificativo á natureza: o de "natureza moderna", para designar o "Pop Art" mencionando os "comic-strips" de Liechtenstein, as cenas do "american way of life", de Rosenquist ou Wesselmann, os "hamburger steak" em telas envernizadas ou "sundaes" de chocolate em gesso esmaltado de Claes Oldenburg — tais "os verdadeiros pintores populares, tecnicos da comunicação populista".

E assim para o sr. Restany o "Pop Art" considerado no mais amplo sentido é a mais moderna manifestação de arte, o "realismo moderno". Embora o reporter carioca ache brilhante essa conclusão ela se nos afigura apenas mediocre, só explicavel pela juventude do sr. Restany, pois quando ele

quer nos impor uma moda que alguns artistas estabelecem como a "sua vanguarda", a "sua revolução", nós nos colocamos na relatividade das referencias. Ficamos com Miró em 1936, que nada pretendia, mais do que projetar surrealisticamente o objeto. Aliás, em 1960, Rauschenberg comparecia enquadrado na exposição surrealista internacional, na Galerie Daniel Cordier, 8, em Paris. — Geraldo Ferraz.

Estudos Filológicos

Completamos hoje a publicação do estudo "A noção de ver no Indo-Europeu", de A. do Amaral, apresentado na ultima reunião da Sociedade de Estudos Filológicos.

"O Lat. vidēre tem função supletiva quanto ás formas preverbiais, em que predominam, por isso mesmo, os derivados do spēcere (spicere), sendo certo que o part. providens do composto providēre (prever, pressentir) passou, mediante contração, a prudens (providente), enquanto outro composto, invidēre (ver com maus olhos), deu invidia (queixa), persistindo em ambos a noção original, abstrata, de vidēre. O sentido, algo restritivo e concreto, de olhar para ver é o que encerra a r. sanscritica spech (spek, spok), a qual (pela f. védica, de pech), recebeu o significado de observar, examinar e, mediante previa metatese labial-gutural, dera o Gr. skepe (v. skeptomai, observar) e os nomes skopeé (espia, observador), skoops (coruja, animal tipicamente observador, a julgar até pelos olhos) e skopós (fim em vista, escopo; espião, sentinela). Essa raiz, depois de passar ao Latim (specio), subsistiu em vozes nordicas e românicas. E specio é que, em processo supletivo, á base de vocabulos colatorais chamados a vencer a falta de certas vozes directas, seja por jámalis existentes, seja por desusadas, se introduziu na linguagem do Lácio para reforçar a noção generica de ver e ampliar a especifica de observar, examinar. Acha-se ainda tal raiz nas formas nominais Got. speha (observação detida) e speho (espiação), Engl. spy, Ital. spia e spione, Fr. espion; e integra compostos criados pela linguagem augural e religiosa: auspex (de avi e spex), auspicium e haruspex (de haru, tripa? e spex), haruspicium.

Ligada á idéia de ver claramente, considerar acha-se a r. sansc. derch, que, passando ao Grego, deu o v. derkoo (aoristo edrakon, donde drakoon, dragão, nome certamente tirado do relevo ocular desse animal. Quase ignorada pela linguagem latina, que apenas regista o nome draco, de mitida ascendencia grega, ela deixou vestígios em idiomas nordicos: Lit. dair — (considerar), Irl. dere (olho), defesin (visão), etc.

Registe-se ainda a r. sansc. lók, conotante de dirigir a vista, contemplar, e discernível no Sansc. lōchana (vista), Germ. loegen, lugen (espreitar), Engl. look (olhar).

Estes, os principais semantemas com que a mais adiantada parcela da Humanidade tem conseguido definir, na ansia de constante aprimoramento, uma das mais importantes funções de sua vida de relação.